

Apresentação do Levantamento Preliminar realizado pelo CIN em Março de 1975.

O CIN, estruturado em 1972 para oferecer ensino de 2º grau profissionalizante, formou sua primeira turma em 1974.

Alguns meses decorridos, realizou-se um levantamento preliminar da situação desses concluintes, à fim de avaliar se os objetivos a que nos propuzemos em nosso plano de Implantação ou seja "dar um curso que propiciasse terminalidade e/ou continuidade de estudos a nível de 3º grau", haviam sido alcançados.

O Universo de informantes de tal levantamento constava de todos os que concluíram as habilitações profissionais de 2º grau pelo CIN.

Como se pode ver pelo Quadro nº 1, o número de formados elevou-se a 436, distribuídos pelas 10 habilitações oferecidas e pelos quatro colégios de origem (o 5º, Instituto São José não possuía concluintes no ano de 1974).

Nem todos foram localizados, por isso trabalhamos com uma amostra de 367 informantes, o que era bastante significativo pois representava quase 90% do universo estudado.

Ressaltaremos aqui, apenas as informações julgadas mais importantes, uma vez que os senhores receberam o levantamento citado.

Observando-se a Tabela nº 3 pode-se dizer que, dos 367 respondentes 70, já estão trabalhando, o que representa um índice de quase 20%, mais precisamente 19,07%.

Este índice é bastante representativo, pois em levantamento realizado no início da implantação do CIN, constatou-se que 99% dos alunos não pretendia trabalhar, somente continuar seus estudos em nível superior.

Hoje, 3 meses apenas após a conclusão do curso profissionalizante (os dados foram coletados em final de março de 1975), vencendo todos os preconceitos e barreiras sociais, 20% está exercendo atividade produtiva.

Note-se que o Curso de Auxiliar de laboratório de Análises Químicas possuindo características peculiares, foi organizado juntamente com o de Desenhista de Publicidade, em maio de 1974, para profissionalizar

um grupo de alunos transferidos de regime ainda exclusivamente acadêmico (Lei 4.024/61), conseguiu, mesmo sem que seus alunos passassem pelo processo de profissionalização em sua plenitude, um índice de mais de 20% de concluintes engajados na força de trabalho.

Outra análise foi realizada, tendo em vista a afinidade entre o trabalho exercido e a habilitação profissional concluída.

Pode-se observar da Tabela nº 4, que quase 40% ou sejam 34,29% dos egressos que trabalham o fazem em atividades senão específicas pelo menos afins à sua habilitação profissional. Este índice mostra-se mais elevado quando retiramos os já citados de Laboratório de Análises Químicas, subindo para 60%.

Ressalte-se que os Assistentes de Administração, Técnicos em Secretariado e Técnicos em Enfermagem apresentam todos os que trabalham exercendo atividades específicas às suas habilitações profissionais.

Isso demonstra que a qualidade do ensino profissional ministrado, vem atendendo aquilo que o mercado exige para habilitados em tais áreas específicas.

Haja visto, os egressos da habilitação em Técnico em enfermagem, em que todos os que trabalham funcionam como enfermeiros qualificados, tendo 4 chefes de Seção nos diversos hospitais da cidade, inclusive no próprio em que fizeram seus estágios profissionais o Hospital Santa Cruz da Beneficência Portuguesa de Niterói, percebendo um salário que varia de 1.000 a 1.500,00.

A metade dos informantes acredita que conseguiu empregar-se em decorrência do curso realizado.

Relativamente ao objetivo de continuidade de estudos proposto para o 2º grau, pudemos constatar que:

Tabela nº 6 que a grande maioria (94,55%) dos concluintes, prestou exames vestibulares ao 3º grau de ensino, nos primeiros meses de 1975. Mesmo entre os que trabalham, 18,4% conseguiu realizar tais provas de seleção.

Tabela nº 7 - Dessos vestibulandos 81,84%, ocorreu ao Vestibular Unificado.

O Vestibular Unificado, foi tomado como parâmetro, por reunir as Universidades Federais do Grande Rio, tendo portanto uma demanda de pretendentes das maiores, sendo por isso suas provas de dificuldade mais elevada.

Dos que procuraram o Unificado, mais da metade, 51,76% logrou aprovar-se; Este índice é bastante representativo, pois a média de aprovações nos concursos promovidos pela Fundação Cesgranrio oscila entre 25 a 33%, e dos nossos, mais de 50% conseguiu aprovação.

Este fato sobreleva que os alunos do nosso 2º grau profissionalizante estão saindo bastante preparados no que diz respeito à disciplinas básicas de formação geral, objeto das provas seletivas para os cursos superiores.

Os questionários dos 163 que não foram aprovados, sofreram uma análise qualitativa, que demonstrou que, 152 (93,25%) pretende tentar outra vez. Destes 18,4% está trabalhando, o que indica que enquanto esperam nova oportunidade, não se constituirão em "pesos ociosos" nem para suas famílias, nem para a sociedade, estarão produzindo algo que lhes dará maior segurança econômica e psicológica a fim de enfrentar novamente o concurso vestibular.

Outra constatação das mais válidas prende-se ao relacionamento entre a habilitação concluída e as opções feitas para o exame vestibular.

Levando-se em conta apenas as primeiras opções, verificamos que com exceção dos Auxiliares de Processamento de dados e Laboratoristas de Análises Químicas, todos os egressos que se candidataram ao concurso Vestibular à Universidade, optaram por cursos específicos ou da mesma área de conhecimento da habilitação concluída.

Tal fato assegura que o curso profissionalizante não quebra, pelo contrário aumenta o interesse pelo curso superior e desperta ou confirma vocações e tendências latentes no aluno.

As conclusões deste levantamento nos deixaram bastante otimistas pois:

- com pouco tempo de experiência em um novo tipo de ensino;
- num curso considerado por nós ainda bastante falho em relação ao que já hoje possuímos;
- enfrentando dificuldades decorrentes de uma tentativa séria e honesta de mudança e as conseqüentes resistências à mesma,

Conseguimos encontrar resultados que nos demonstraram clara e objetivamente que os esforços empreendidos tiveram um êxito inusitado.

Pronunciamento - Ir. Maria Paula Speyer, Coordenadora do Grupo de Trabalho - "Uma Experiência Intercomplementar"- Plano Global do Complexo Interescolar de Niterói

Pesquisando os anais do último Encontro de Secretários e Conselhos, realizado em Petrópolis no final do ano passado, procurei elementos que justificassem a nossa presença nesse VIII Encontro das mais altas autoridades educacionais do país. Que poderia uma experiência isolada oferecer de subsídio para esse nível de reflexão?

Nas palavras de abertura do Exmo. Sr. Euro Brandão, Secretário Geral desse Ministério encontrei dois trechos bastante significativos.

O primeiro: "Na educação moderna vai ser sempre necessário confrontar, testar, as abstrações que se aprendem com aquilo que se vê, com a realidade de nossa vida, da vida de cada dia. Para motivar, o jovem precisa sentir que ele é realmente instrumento de modificação da História, e devido à rapidez da mudança de cada dia, ... a integração escola-comunidade nunca foi tão necessária como está sendo agora".

O segundo trecho completa o primeiro: "Nós estamos fazendo uma distinção falha muito grande entre a vida prática e a escola, entre aprendizado e trabalho, entre teoria e prática".

Mas, são as palavras do Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, o Senador Ney Braga, que encontrei a motivação mais sólida. Reafirmando a posição do Exmo. Sr. Euro Brandão, dizia o Sr. Ministro:

"Preocupa-me muito que uma inovação radical, importante e desejável... possa vir a comprometer-se seriamente pela incapacidade física de atender a tempo aos pré-requisitos e de cumprir adequadamente as tarefas preparatórias de sua implementação".

Por ser a Reforma "importante e desejável" no aspecto de conjugar a terminalidade com a continuidade, conjugar os vários agentes educacionais que não só a escola, e, acima de tudo, de responder à necessidade da formação do homem não só no seu psiquismo individual, mas também na sua integração social - é que encontramos uma mensagem despretenciosa e modesta a dar às autoridades educacionais aqui presentes.

Apresentamos neste primeiro quadro uma visão simplificada do educador do objetivo primordial da educação que serviu de ponto de partida para toda experiência realizada. (Q.1) Em contrapartida, se perguntamos ao jovem o que ele quer, sem dúvida alguma dirá com nuances diferentes, que sua meta é SER ALGUÉM. E este quadro-objetivo vem responder a este anseio pois todo homem é alguém pelo que assimila e aplica dos conhecimentos recebidos e pelas atividades criadoras que desenvolve... Observamos bem: uma educação que tende tão somente para o CONHECIMENTO é uma educação atrofiada, da mesma forma, a educação que tende tão somente para o FAZER. Só chegaremos a uma sociedade que se transforma criativamente quando oferecermos maiores possibilidades de conjugar o fazer com o conhecer.

Neste segundo quadro (Q.2) daremos nomes a essas formas de atrofiamento. Montamos o quadro para distinguir as direções e os cruzamentos que se davam anteriormente à Lei 5.692 para o ingresso de nosso processo educacional se tornasse um ser realmente 'criador e transformador do meio que o cercava. Certamente todos nós fizemos alguma forma do zigue-zague aqui representado. Ressalte-se também o desperdício econômico que isto traz como consequência. No entanto, não seria aqui a minha missão focalizar' mais a fundo este problema pois tenho a convicção de que embora a educação deva ter consciência de suas repercussões econômicas, como que um balizamento para suas atividades, repudio qualquer atrelamento de um planejamento educacional, que seja sério e equilibrado, a interesses meramente econômicos. Coloquemos os

valores em sua ordem devida: a economia está em função do homem e não o homem em função da economia.

O ensino profissionalizante, planejado e executado conforme a filosofia e o espírito da Lei 5.692 não coloca o homem em função da economia. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já nos permitia ministrar o ensino previsto na 5.692. Mas os educadores não estavam ainda prontos para tanta abertura. Estou convicta que as críticas maiores a essas duas leis provêm, via de regra, dos tímidos que temem usar a sua criatividade - preferem fazer o que sempre fizeram pois assim o trabalho é menor.

O que fizemos em Niterói para implantar o 2º grau conforme a Reforma? O livreto que encontram na pasta relata o seu histórico. Colocado em quadro síntese, começamos pelo que nos era comum. Não existe colégio que não ministre o núcleo comum e portanto achamos um bom ponto de partida. O que ilustramos em seguida pela superposição de quadros foi o que ocorreu, não com três, mas com cinco colégios.

O colégio "A" analisou o seu instrumental específico: digamos que fosse um laboratório melhor de biologia e professores excelentes em desenho geométrico (muita vez, um ou outro arquiteto frustrado). Dentro de um levantamento pouco científico, mas essencial como primeiro passo, achou-se viável criar curso de laboratorista de análises clínicas e outros cursos de desenho: estruturas, instalações hidráulicas, etc. Na análise do colégio "B", fez-se o mesmo assim como também o "C" e, no caso específico da experiência que vamos relatar, o D e o E também. Observamos que havia várias áreas onde se encontrava sobreposição. Um caso mais concreto, é o do antigo curso normal. Quatro dos cinco colégios mantinham o antigo normal. Na opção no início da experiência, apenas dois aprofundaram o seu instrumental específico desta área - e atualmente, apenas um o mantém.

Em seguida, cada colégio procurou no contexto social em que estava inserido, outros agentes educacionais até agora marginalizados do processo educacional comum. E os treinamentos que eram feitos à beira do processo conforme vimos no quadro anterior passaram a fazer parte do processo num ritmo de trabalho ' que surpreendeu até às equipes que a planejaram.

Cada aspecto desse quadro vai ser analisado pelo relato da experiência concreta. No primeiro momento, a Profa. Adilée de Freitas Álvares explicará como foi realizada a conscientização do aluno ressaltando a primeira experiência falha e o aprimoramento a que se chega agora. Em seguida, os professores Lédio Antunes e Valdir Graff explicarão como se processou a integração em cada um dos colégios. E, no final, a Profa. Maria Helena Faria dará o resultado do primeiro levantamento da pesquisa realizada que servirá como primeiro passo da montagem de uma avaliação contínua do processo.

Como dizia Beeby no seu livro "Educação e Desenvolvimento":

"Se nós, educadores, quisermos um modelo que nos ajude com relação aos problemas de qualidade na educação, que são nosso interesse pessoal, nós mesmos devemos criá-lo". (p.58)

### C O N C L U S Õ E S

Finalizando a parte expositiva deste painel e antes de abrir a palavra para o plenário, desejo apontar alguns aspectos apresentados aqui que, ao meu ver, são fundamentais para o encaminhamento dos debates em torno do assunto.

1. A realização da experiência não se deu pela montagem sofisticada de aparelhos e laboratórios, mas sim, pelo aproveitamento inteligente de estruturas já existentes - tanto das escolas como da comunidade (no caso, Grande Rio) em que as escolas estão inseridas.

2. O trabalho maior de conscientização das direções dos colégios não foi tanto no sentido de solicitá-los que fizessem coisas, mas que abrissem mão de determinados conceitos e predileções. Assim, foi possível convencer a "A" que o laboratório de "B" era mais completo e convinha mantê-lo e aperfeiçoá-lo para todos os alunos; que o professorado de "C" era mais dinâmico para uma nova orientação do curso pedagógico e o colégio "D" poderia oferecer um ou dois elementos para completar o quadro, e assim por diante.

3. O colégio grande continuou grande e os pequenos continuaram pequenos e assim não houve desequilíbrio de estruturas. No entanto, todos os colégios aumentaram a sua matrícula no 2º grau; um pequeno que não chegava a 60 em três turmas, passou a ter 180.

4. O quadro I da Profa. M<sup>a</sup> Helena demonstra claramente que nem o grande colégio poderia oferecer variedade de opção aos alunos. Observem que turmas de 20 e 22 alunos apresentariam ônus por demais pesado para experiência isolada - mas com a conjugação de esforços essas opções de menor procura foram mantidas pelas de maior procura.

5. Para uma experiência que começou com apenas 1% interessado em trabalhar ao concluir ao curso é notável constatar que, apenas três meses após a formatura, 20% já se encontra empregado. Isto levando em consideração que reconhecemos as falhas por nós cometidas no desenvolvimento do plano inicial - já agora bastante melhoradas com as turmas que seguiram.